

Kierkegaard, um leitor de Nietzsche *avant la lettre**

Alvaro L.M. Valls**

Resumo: O artigo estabelece comparações entre Kierkegaard e Nietzsche, no que diz respeito à questão da religião e do cristianismo.

Palavras-chave: religião – cristianismo – filosofia

Heidegger anota que Kierkegaard (+1855) foi “um escritor religioso”, aliás, “o único à altura do destino de sua época”: “*ein religiöser Schriftsteller und zwar nicht ein unter anderen, sondern der einzige dem Geschick seines Zeitalters gemäss*”¹. Assim, ele teria estado à altura de uma época que fundamentalmente foi de crítica à religião cristã. Os anos 40 e 50, já antes da crítica marxista, sacodem os pilares religiosos da sociedade, buscando solapar “o altar e o trono”. A crítica à religião, desenvolvida por Feuerbach, culmina no discurso nietzschiano, provocando teoricamente a transformação da *cristandade* em *cristianismo de diáspora*². Mas perguntar não ofende: uma tal crítica não teria sido respondida, quicá até superada em radicalidade e verdade, pelos escritos do pensador dinamarquês?

Se comparássemos Kierkegaard com Feuerbach, um ponto em comum ficaria logo evidente: ambos tomam como referência o “Cris-

* Palestra proferida no XIX Encontros Nietzsche – Colóquio *Pensar contra Nietzsche*, na USP, no dia 23 de agosto de 2005.

** Professor de Filosofia da Univ. do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS).

tianismo do Novo Testamento”, mas o filósofo alemão logo o “interpreta”, transformando a teologia em antropologia e a religião em relações humanas. Kierkegaard não faz o mesmo, mantém-se fiel à religião na sua linguagem *específica* da representação, narrativa, testemunho ou querigma, para trabalhar então filosoficamente a partir daí. Feuerbach não “desencava conceitos cristãos”: transfigura-os. – Passemos, portanto, a uma outra comparação, qual seja, com o trabalho de Nietzsche: não haveria semelhanças entre o autor alemão do *Antichrist* e o crítico dinamarquês da cristandade?³ Gostaria de esboçar aqui alguns traços de paralelismo para caracterizar um pouco a tarefa do pensador dinamarquês, contrastando-o com Nietzsche. Além disso, gostaria de ver *en passant* se acaso o texto deste não abre alguma exceção em suas críticas para um núcleo que fosse mais autêntico do fenômeno que *O Anticristo* designa como “Cristianidade” ou “Cristicidade”, o “ser-cristão” (*Christlichkeit = Christsein*).

Kierkegaard, com efeito, usa como ferramentas uma tríade conceptual: 1) cristianismo, 2) cristandade e 3) cristicidade ou cristianidade (*Christendom, Christenhed, Christlighed*)⁴. Julga a *cristandade* em nome do cristianismo, sem tentar “defender” este último, já que escreveu, em 1847, em *As Obras do Amor*, que seria mais importante defender a humanidade das enormes exigências especificamente cristãs. Um bom exemplo de juízo evangélico, crítico sobre a cristandade podemos encontrar numa nota dos *Papirer*, de 1854 (*Pap.* XI¹A 375), quando, lembrando a imprecisão de Cristo a Pedro, de Marcos 8, 33,⁵ afirma, com todas as letras que “a cristandade é invenção de Satanás”.

Nietzsche, ao que parece, não distingue os dois primeiros termos (cristianismo e cristandade); ataca e amaldiçoa o Cristianismo de todas as maneiras, embora, surpreendentemente, no § 39 de *O Anticristo* afirme que sempre haverá lugar para um tipo de vida que

ele supõe ser o do Crucificado (a quem, aliás, compara com o “Idiota”, de Dostoévski).

É falso até ao contra-senso ver numa “fé”, por exemplo, a fé na salvação por Cristo, a insígnia do cristão: unicamente a prática cristã, uma vida como a viveu aquele que morreu na cruz, tem algo de cristão... Hoje, uma tal vida ainda é possível e até necessária para certos homens: o Cristianismo autêntico, originário, será possível em todas as épocas... Não uma fé, mas uma ação, um não fazer certas coisas, sobretudo um diferente ser... (AC/AC § 39)⁶.

Nietzsche teria o apoio de Kierkegaard ao rejeitar a interpretação de Renan, que via em Jesus um gênio, pois gênio não deve ser confundido nem com apóstolo, como explica um dos *Dois Pequenos Tratados Ético-Religiosos*. E se Kierkegaard lesse Dostoévski talvez aceitasse também a aproximação com a figura do Príncipe Míchkin, de *O Idiota*:

E que mal-entendido não é a palavra “gênio”! (...) Com a linguagem rigorosa do fisiólogo, estaria aqui melhor no seu lugar uma palavra completamente diferente: a palavra idiota (AC/AC § 29)⁷.

Um teólogo americano mal-humorado contestou-me, recentemente, que Nietzsche não faz grande concessão, pois apenas teria dito que cada um tem o direito de seguir a idiotia que quiser. No entanto, estou convencido de que Kierkegaard aplaudiria, quase sem restrições, o crítico alemão, sobretudo quando este enfatiza que o Cristianismo é “prática”, um modo de ser, de agir, ou até mesmo de deixar de agir de certas maneiras.

(...) uma prática nova, a prática genuinamente evangélica. Não é a “fé” que distingue o cristão: o cristão age, distingue-se por um agir dife-

rente. *Ao que é mau para com ele, não oferece resistência nem por palavras nem no coração. (...) Uma nova conduta, não uma nova fé...* (AC/AC § 33)⁸.

Ora, se Kierkegaard introduziu um conceito crítico ao diferenciar *Christenhed* e *Christlighed*, muito se alegraria ao ver Nietzsche utilizar este último conceito (em ambas as formas, *Christ-sein* e *Christlichkeit!*), para insistir sobre a “prática” da vida cristã.

Reduzir o ser-cristão, a cristianidade a um ter por verdadeiro, a uma simples fenomenalidade de consciência significa negar a cristianidade (AC/AC § 39)⁹.

Este “alegre mensageiro” morreu como viveu, como ensinara – não para “redimir os homens”, mas para mostrar como se deve viver. A prática foi o que ele deixou à Humanidade (...) o seu comportamento na cruz (AC/AC § 35)¹⁰.

Também para o dinamarquês, Jesus Cristo é antes o Modelo que nos convida a segui-lo, servo sofredor que precisa ser imitado, e não (dito agora de maneira crítica) aquele que um dia já nos salvou, dispensando-nos de todo esforço de “apropriação” (*Aneignung*, que em Lutero é uma atitude prática que consiste em *imitatio* ou seguimento; na língua nórdica: *Efterfølgelse*.) O escritor dinamarquês, autor de um *Evangelho dos sofrimentos* (3ª seção dos *Discursos edificantes em diversos espíritos*, de 1847¹¹) insiste em que alguém, a rigor, só segue o seu modelo (*hans Forbillede*) quando este se ausenta, se esconde, ascende para outro lugar e deixa só o seguidor: “Cristo precisava ir embora, precisava morrer”, para que se pudesse mostrar “se o discípulo iria segui-lo”¹². Aliás, encontramos um grande filão de pesquisa quando meditamos sobre o *Evangelho dos Sofrimentos*. Se não há Cristianismo sem sofrimento, também não precisa haver sofrimento sem alegria: esta é a Boa Nova, o Evan-

gelho, que segundo Nietzsche teria sido transformado pelo clero em *Dysangelium*.

Já a palavra “Cristianismo” é um equívoco – no fundo, existiu apenas um único cristão, e esse morreu na cruz. O “Evangelho” morreu na cruz. O que desde este instante se chamou “Evangelho” era já o contrário do que Cristo vivera: uma “má nova”, um dysangelium. (AC/AC § 39)¹³.

Nietzsche acusa fortemente, acidamente, o apóstolo Paulo, “o verdadeiro inventor do Cristianismo”, por esta deturpação, junto com o clero que teria tomado o poder ao longo da história. O cristianismo primitivo não lhe parece nenhum tempo áureo, e os evangelhos não têm para ele valor de autoridade moral, apenas talvez como documento histórico.

Os Evangelhos, como testemunho da corrupção já irresistível no seio das primeiras comunidades, são inestimáveis. O que Paulo, mais tarde, levou a cabo com o cinismo lógico de um rabino foi, não obstante, apenas um processo de decadência, que começara com a morte do Redentor (AC/AC § 44)¹⁴.

Em relação a Paulo é importante registrar como nossos dois autores se afastam. O Apóstolo é uma autoridade para Kierkegaard, assim como também um exemplo para sua vida pessoal, para seus valores, um exemplo até jogado ironicamente, polemicamente, na discussão com os supostos cristãos sérios, isto é, com os que se declaram tais.

São Paulo era funcionário? Não. Tinha algum meio de vida? Não. Ganhava muito dinheiro? Não. Era casado e com filhos? Não. Mas então São Paulo não era um homem sério! (Pap. VIII A 206).

Quanto a Lutero, Kierkegaard lamenta que tenha sido pouco dialético e que substituísse o Papa pelo “público”. Em relação ao clero, Kierkegaard concordaria com Nietzsche num ponto: em que seu Bispo deturpa o Cristianismo, suaviza-o, trai suas exigências, retira o rigor e o vigor, leva-o a sério só até um certo ponto (ver o discurso sobre a *Pureza de Coração*), transforma-o em cultura e prazer, em consolo, enfim: falsifica-o reduzindo-o. (Por ex.: *Pap. X³A 588* n. d., 1850). Os *Diários* retratam em detalhes toda a polêmica com o bispo Mynster, e até pensamentos que era melhor não expor publicamente. De qualquer modo, nosso pensador esteve sempre disposto, até a morte de Mynster, a tolerar a religiosidade do seu bispo, desde que este reconhecesse que pregava uma forma suavizada, diferente da essencial, dos tempos áureos do Cristianismo, como dizia Feuerbach¹⁵.

Há muito mais semelhanças entre os dois autores do que se imagina, à primeira vista. Mas poderia haver até mesmo um diálogo, uma discussão, alimentada de entusiasmo e de ironia, entre estes dois homens traspassados de polêmica (conforme a expressão de P. M. Møller, cit. em *Pap. VII A 221*), se fossem contemporâneos. – De que modo Kierkegaard, que se definia como o “exumador dos conceitos cristãos”, teria lido, se tivesse vivido 75 e não 42 anos, *O anticristo*, de Nietzsche? Temos que proceder inicialmente por analogia. Sabemos, por exemplo, que Kierkegaard, bom conhecedor de Feuerbach, lia também com prazer o chamado “pessimista” alemão Schopenhauer, chegando mesmo a comparar-se com ele numa relação inversa, como nas respectivas iniciais: “A. S. e S. A.” (*Pap. XI¹A 144*).

Antes, porém, de imaginar uma dessas discussões, citemos o *Dostoiévski* de Joseph Frank, quando, numa nota de seu 2º volume, informa que Nietzsche considerava a ética cristã de Dostoiévski um exemplo da moral dos senhores (*Herrenmoral*). Eis que então o crítico dinamarquês Georg Brandes, exatamente ele, observa a

Nietzsche que na verdade o Cristianismo do autor russo representaria a tão odiada moral dos fracos e oprimidos. Ao que Nietzsche teria respondido que isso até poderia ser verdade, mas que mesmo assim Dostoiévski continuava a ser o melhor psicólogo, que mais o interessava. – Quiçá em relação a Kierkegaard Nietzsche tivesse reações semelhantes, de irritação e admiração. Mas queremos imaginar um pouco mais, visualizar agora Kierkegaard lendo *O anticristo*, e respondendo, provocadoramente. – Suponhamos que nosso autor lesse, com o maior interesse e compreensão, as três seguintes passagens dos parágrafos 47, 49 e 50 de *O anticristo*:

Paulo quer reduzir a nada a “sabedoria do mundo”: os seus inimigos são os bons filólogos e médicos da Escola Alexandrina – a eles faz a guerra. Na realidade, não se pode ser filólogo e médico sem, ao mesmo tempo, ser também anticristo. Como filólogo, olha-se por trás dos “livros santos”; como médico, por trás da decrepitude fisiológica do cristão. O médico diz “incurável”, o filólogo “fraude”... (AC/AC § 47)¹⁶.

“Logo, é preciso tornar o homem infeliz” – foi esta em cada época a lógica do sacerdote... (...) deve sofrer... E deve sofrer de maneira a precisar sempre do sacerdote. Fora com os médicos! Precisa-se é da salvação. (AC/AC § 49)¹⁷.

Se bem compreendo, parece que entre os cristãos há uma espécie de critério de verdade que se chama a “prova da força”. “A fé salva: logo é verdadeira”. Poderia aqui objetar-se imediatamente que a salvação não foi demonstrada, mas apenas prometida: a salvação está ligada à condição da “fé” – deve conseguir-se a salvação porque se crê... Mas como é que se demonstraria que o que o sacerdote promete ao crente, esse “além” inacessível a todo controle, tem efectivamente lugar? A pretensa “prova de força” é, pois, no fundo, de novo apenas uma fé em que não deixará de realizar-se o que a fé promete. (AC/AC § 50)¹⁸.

Compreendendo perfeitamente as razões de Nietzsche, mas tirando as consequências do que o alemão diz (inclusive nas entrelinhas), Kierkegaard, irritante como Sócrates, provocante, implicante, poderia montar, *ad hoc* ou *ad hominem*, o seguinte argumento (que de fato se encontra nuns discursos de 1847), utilizando como elementos básicos: Paulo, o sofrimento, a fé e a imortalidade. Kierkegaard relaciona o sacrifício do cristão, na formulação paulina, e a necessidade de uma outra vida, *garantida pela fé*, certeza de vitória. O autor dos *Discursos* faz uma curiosa e paradoxal paródia do argumento kantiano, misturado talvez, para provocar a Professora Scarlett, com a “aposta” de Pascal, numa formulação que faz sorrir quem está familiarizado com a ironia.

Eis o argumento:

Para poder criticar o mundo, o homem precisa de um lugar arquimédico próprio, um refúgio e um apoio, nessa *nova mecânica*. Precisa, portanto, de uma eternidade real.

Mas Paulo diz, na 1ª Carta aos Coríntios 15,19: “*Se é só para essa vida que temos colocado a nossa esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de lástima*”¹⁹. Perfeito! Magister Kierkegaard prossegue, comentando: se alguém renuncia ao mundo e sofre todos os males, então, caso não houvesse uma felicidade na outra vida, teria sido enganado de maneira terrível, revoltante. Correto: sob a condição de que não houvesse depois uma bem-aventurança!

E o escritor dinamarquês conclui (com ironia?) quanto à nova vida: “*parece-me que ela teria de tornar-se realidade somente por compaixão com um tal homem*”²⁰. – Daqui tiramos a impressão de que este Kierkegaard, que propõe que se invente (se preciso for) uma segunda ou nova existência, por compaixão pelo mártir, já era um leitor (provocante) de Nietzsche, *avant la lettre*...

O autor dos *Discursos* repete o argumento com outras palavras, com significados obviamente distintos dos pressupostos de Nietzsche:

“A prova de que essa felicidade existe foi demonstrada por Paulo da maneira mais gloriosa; pois não pode absolutamente haver nenhuma dúvida de que, sem ela, ele teria sido o mais miserável de todos os homens”²¹.

O argumento, – que a rigor se funda totalmente na fé concedida ao testemunho do mártir (e assim concorda com a observação do § 50 de *O Anticristo*), – supera em perspicácia o de Pascal, que não chega a livrar o “apostador” da dúvida e da correspondente angústia, pelo menos na hora da renúncia aos prazeres do mundo. Esta “prova de que a felicidade existe...” ainda radicaliza o argumento kantiano, já que este se baseia numa concepção genérica de mérito do sujeito moralmente justo sem levar em conta o paradoxo da cruz (exigência acima da razão). – A lógica kierkegaardiana inclui, é claro, e tem mesmo que incluir (como Nietzsche bem o sabe), a “lógica” da fé. Somente um reparo: Kierkegaard não deixaria de estranhar na citação de Nietzsche a expressão “apenas uma fé”: Por que dizer “apenas”, como se fosse pouco, – e como se a convicção ficasse mais verdadeira uma vez demonstrada racionalmente, uma vez que então, evidentemente, cessaria de haver fé?

* * *

O autor dos *Discursos* não quer defender o Cristianismo, nem pretende – se bem o entendemos – provar racionalmente sua verdade²²; ao contrário, defende-se com o Cristianismo, utilizando-o como ele deve ser, ou seja, como um remédio, que não é inofensivo, mas de alto risco, pois é remédio para a doença mortal. E a conclusão é positiva, como convém a um anúncio de boa nova: quem segue Jesus Cristo pode segui-lo “até o céu”.

Kierkegaard, que dá tanta importância ao sofrimento, a ponto de escrever os sete discursos intitulados *O Evangelho do Sofrimento*, não pára num momento masoquista, como muitos imaginariam

ao ouvir falar de seu Cristianismo severo. Sua ética cristã (“segunda ética”) parte da idéia do pecado – mas também do perdão. Tal ética não constitui uma *triste ciência* como aquela referida por Adorno nas *Minima Moralia*, mas sim, evangelicamente, uma *gaia ciência*, cujo estribilho é, em última análise: “alegria, alegria”²³.

Abstract: This paper draws some comparisons between Kierkegaard and Nietzsche, focusing on the question of religion and Christianity.

Keywords: Religion – Christianity – philosophy

notas

¹ *Holzwege*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1950, p. 230.

² Ver Löwith, K. *Von Hegel Zu Nietzsche. Der Revolutionäre Bruch Im 19. Jahrhundert*, Hamburg: F. Meiner, 9. Auflage, 1986.

³ De resto, no que toca a esta comparação entre os autores, sentimo-nos confirmados pelo teólogo francês François Bousquet, que escreve: “*Il ne faut pas abuser de ce genre de rapprochement, mais dans toute l’oeuvre de Kierkegaard, c’est peut-être ici, plus encore que dans L’Instant, que se fait entendre un ton nietzschéen, même si l’attaque contre la chrétienté procède d’un tout autre esprit, de l’Evangile lui-même. La vigueur du discours, la flamboyance du langage, la force de l’apostrophe, laissent rêver de ce qu’aurait pu être la rencontre des deux hommes, s’ils eussent été contemporains. De la même manière que l’ont a pu présenter Kierkegaard comme le plus hégélien des anti-hégéliens, ne pourrait-on*

voir en lui l'antidote le plus nietzschéen à Nietzsche, précisément dans le regard porté sur le crucifié, et les exigences qui en découlent?'" [Não se deve abusar deste tipo de aproximações, mas em toda a obra de Kierkegaard, talvez seja aqui, mais até que no Instante, que se faz ouvir um tom nietzschiano, mesmo se o ataque contra a cristandade procede de um espírito completamente diferente, do próprio Evangelho. O vigor do discurso, a exuberância da linguagem, a força da apóstrofe, fazem sonhar com o que teria podido ser o encontro dos dois homens, se tivessem sido contemporâneos. Da mesma maneira que foi possível apresentar Kierkegaard como o mais hegeliano dos anti-hegelianos, não se poderia ver nele o antídoto mais nietzschiano a Nietzsche, precisamente no olhar voltado para o crucificado, e nas exigências que daí decorrem?] (François Bousquet, *Le Christ De Kierkegaard. Devenir Chrétien Par Passion D' Exister*. Paris: Desclée, 1999, p. 224.)

- ⁴ Henri-Bernard Vergote, entre os franceses, tão ciosos da pureza de sua língua, teve a coragem de diferenciar *christianité* de *chrétienté*! Ver, por exemplo, Vergote, H.-B. *Kierkegaard – Philosophe de la Chistianité*, publicado por J. Message na KIERKEGAARDIANA, número 19, de 1998, p. 8, além da magnífica obra *Sens et Répétition. Essai Sur L'ironie Kierkegardienne*, Paris, Cerf/Orante, 1982.
- ⁵ Mc 8,33: Mas, voltando-se ele, olhou para os seus discípulos e repreendeu a Pedro: “Afasta-te de mim, Satanás, porque teus sentimentos não são os de Deus, mas os dos homens”.
- ⁶ NIETZSCHE, F. *O Anticristo*, trad. Artur Morão, edições 70, Lisboa, 1997. AC/AC, p. 59. – Na língua original, conforme o 2º volume das *Werke in Drei Bänden*, seria: “*Es ist falsch bis zum Unsinn, wenn man in einem ‘Glauben’, etwa im Glauben an die Erlösung durch Christus das*

Abzeichen des Christen sieht: bloß die cristliche Praktik, ein Leben so wie der, der am Kreuz starb, es lebte, ist christlich. Heute noch ist ein solches Leben möglich, für gewisse Menschen sogar notwendig: das echte, das ursprüngliche Christentum wird zu allen Zeiten möglich sein. Nicht ein Glauben, sondern ein Tun, ein Vieles-nicht-tun vor allem, ein andres Sein...” (Bd. II, S. 1200).

⁷ AC/AC, p. 47. – “Und was für ein Mißverständnis ist gar das Wort *Genie!* (...) Mit der Strenge des Physiologen gesprochen, wäre hier ein ganz andres Wort eher noch am Platz: das Wort *Idiot.*” (Bd. II, S. 1191).

⁸ AC/AC, p. 52-53. – “(...) eine neue Praktik, die eigentlich evangelische Praktik. Nicht ein “Glaube” unterscheidet den Christen: der Christ handelt, er unterscheidet sich durch ein andres Handeln. Daß er dem, der böse gegen ihn ist, weder durch Wort, noch im Herzen Widerstand leistet. (...) Ein neuer Wandel, nicht ein neuer Glaube...” (Bd. II, S. 1195)

⁹ AC/AC, p. 59. – “Das Christ-sein, die Christlichkeit auf ein Für-wahr-halten, auf eine bloße Bewußtseins-Phänomenalität reduzieren, heißt die Christlichkeit negieren” (Bd. II, S. 1200).

¹⁰ AC/AC, p. 55. – “Dieser “frohe Botschafter” starb wie er lebte, wie er lehrte – nicht um “die Menschen zu erlösen”, sondern um zu zeigen, wie man zu leben hat. Die Praktik ist es, welche er der Menschheit hinterließ (...) sein Verhalten am Kreuz” (Bd. II, S. 1197).

¹¹ *OPBYGGELIGE TALER I FORSKELLIG AAND*, Bind 11 das *SAMLEDE VÆRKER*, 3. ed. Gyldendal, København, 1963. Sua 3ª seção, *Lidelseernes Evangelium. Christlige Taler*, com sete discursos, inicia aí na p. 195. Abreviadamente: Bind 11. – Indicamos as traduções alemã, americana e francesa: *ERBAULICHE REDEN IN VERSCHIEDENEM GEIST 1847*, 18. Abteilung das *GESAMMELTE WERKE*, Eugen Diederichs, Düsseldorf/Köln, 1964. *Das Evangelium*

- der Leiden. Christliche Reden* inicia aí à p. 225. *UPBUILDING DISCOURSES IN VARIOUS SPIRITS*, vol. XV dos *KIERKEGAARD'S WRITINGS*, Princeton, 1993. *The Gospel of sufferings. Christian discourses* a partir da p. 213. *DISCOURS EDIFIANTS A DIVERS POINTS DE VUE*. Tome 13 das *OEUVRES COMPLÈTES DE S. K.*, Éd. de l'Orante, Paris, 1966, com *L'Évangile des souffrances. Discours chrétiens* a partir da p. 205.
- ¹² “at Christus maate gaaer bort, maatte døe... kunde vise sig, om Discipelen vilde følge ham efter.” Bind 11, p. 205.
- ¹³ AC/AC, p. 59. – “Das Wort schon “Christentum” ist ein Mißverständnis –, im Grunde gab es nur einen Christen, und der starb am Kreuz. Das Evangelium starb am Kreuz. Was von diesem Augenblick an “Evangelium” heißt, war bereits der Gegensatz dessen, was er gelebt: eine “schlimme Botschaft”, ein Dysangelium” (Bd. II, S. 1200).
- ¹⁴ AC/AC, p. 66. – “Die Evangelien sind unschätzbar als Zeugnis für die bereits unaufhaltsame Korruption innerhalb der ersten Gemeinde. Was Paulus später mit dem Logiker-Zynismus eines Rabbiners zu Ende führte, war trotzdem bloß der Verfalls-Prozeß, der mit dem Tode des Erlösers begann” (Bd. II, S. 1206).
- ¹⁵ Ver, entre outras: *Pap. X4 A 511 n. d.*, 1852; *Pap. X3 A 59*; *Pap. XI 1 A 1*.
- ¹⁶ AC/AC, p. 74. – “Paulus will ‘die Weisheit der Welt’ zuschanden machen: seine Feinde sind die guten Philologen und Ärzte alexandrinischer Schulung –, ihnen macht er den Krieg. In der Tat, man ist nicht Philolog und Arzt, ohne nicht zugleich auch Antichrist zu sein. Als Philolog schaut man nämlich hinter die ‘heiligen Bücher’, als Arzt hinter die Physiologische Verkommenheit des typischen Christen. Der Arzt sagt ‘unheilbar’, der Philolog ‘Schwindel’...” (Bd. II, S. 1212).

- ¹⁷ AC/AC, p. 76 – “Folglich muß man den Menschen unglücklich machen – dies war zu jeder Zeit die Logik des Priesters. (...) er soll leiden... Und er soll so leiden, daß er jederzeit den Priester nötig hat. – Weg mit den Ärzten. Man hat einen Heiland nötig” (Bd. II, S. 1214).
- ¹⁸ AC/AC, p. 77. – “Es scheint, wenn anders ich mich nicht verhört habe, daß es unter Christen eine Art Kriterium der Wahrheit gibt, das man den “Beweis der Kraft” nennt. “Der Glaube macht selig: also ist er wahr.” Man dürfte hier zunächst einwenden, daß gerade das Seligmachen nicht bewiesen, sondern nur versprochen ist: (...) man soll selig werden, weil man glaubt... Aber daß tatsächlich eintritt, was der Priester dem Gläubigen für das jeder Kontrolle unzugängliche “Jenseits” verspricht, womit bewiese sich das? Der angebliche “Beweis der Kraft” ist also im Grunde wieder nur ein Glaube daran, daß die Wirkung nicht ausbleibt, welche man sich vom Glauben verspricht.” (Bd. II, S. 1215)
- ¹⁹ *Lidelseernes Evangelium. Christelige Taler af S. Kierkegaard*, 1° discurso: *Hvad der ligger i, og hvad Glædeligt der ligger i den Tanke at følge Christum efter*, in SAMLEDE VÆRKER, OPBYGGELIGE TALER I FORSKJELLIG AAND, Bind 11, p. 213. Referências nas traduções: alemã, GW 18, op. cit., S.240f.; francesa, OC 13, p. 224; americana, KW XV, p. 228.
- ²⁰ “mig synes den maate blive til, alene af Medlidenhed med et saadant Menneske (...)” Id. p. 213.
- ²¹ “Beviset for, at denne Salighed er til, er ganske herligt fçrt af Paulus; thi derom kan aldeles ingen Tvivl være, at han, uden den, havde været den Elendigste af Alle” Id., p. 213.
- ²² No *Post-Scriptum Final Não-científico às Migalhas Filosóficas*, de 1846, o pseudônimo Climacus rejeita todos os argumentos históricos e especulativos que pretendam provar a verdade do cristianismo. E em 1847 *As Obras Do Amor*

iniciam, por sua vez, com a tese de que é preciso “crer” no amor (cristão).

²³ “Há uma alegria indescritível que nos envolve de modo tão inexplicável como o grito do apóstolo, ao explodir sem que se saiba por que: ‘Alegrai-vos e eu vos direi ainda: alegrai-vos’. Não de uma alegria disso ou daquilo, mas de toda a alma, ‘com a língua e a boca e o fundo do coração’: ‘Eu me alegro de minha alegria, dela, nela, com ela, perto dela, sobre ela, por e com minha alegria’ – refrão celeste que interrompe, por assim dizer, subitamente o resto de nosso canto. Alegria que acaricia e refresca com a brisa. Golpe de vento que sopra das florestas de Mamré até as moradoras eternas”. *Diários*, anotação com hora e data assinaladas: 10:30 da manhã de 19 de maio de 1838, *Pap.* II A 228.

referências bibliográficas

1. BOUSQUET, F. *Le Christ de Kierkegaard*. Devenir chrétien par passion d’exister. Paris: Desclée, 1999.
2. _____. *Kierkegaard et la joie*, in: IDEM, *Le Bonheur*, Paris: Beauchesne, 1996.
3. GIACIOIA JUNIOR, O. *O Anticristo e o Romance Russo*. In: PRIMEIRA VERSÃO, Campinas, 1994.
4. _____. *Labirintos da alma*. Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
5. HEIDEGGER, M. *Holzwege*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1950.

6. KIERKEGAARD, S. *Samlede Værker*. Copenhagen: Gyldendal, 1963./ *Gesammelte Werke*, Gütersloh/ *Kierkegaard's Writings*, Princeton/ *Oeuvres Complètes*, Paris.
7. KIRMMSE, B. H. *Kierkegaard in Golden Age Denmark*. Bloomington & Indianapolis: Indiana U. P., 1990.
8. LÖWITH, K. *Von Hegel zu Nietzsche*. Der revolutionäre Bruch im 19. Jahrhundert, Hamburg, F. Meiner, 9. Auflage, 1986.
9. NIETZSCHE, F. *Werke in drei Bänden*, Hrsg. von Karl Schlechta. München: C. Hanser Verlag, 7. Aufl., 1973, 2er. Band.
10. _____. *O Anticristo*. Tradução Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 1997.
11. VERGOTE, H.-B. *Sens et Répétition*. Essai sur l'ironie kierkegaardienne. Paris: Cerf/Orante, 1982.
12. _____. *Kierkegaard – Philosophe de la Chistianité*, publ. por J. Message na KIERKEGAARDIANA, n. 19 (1998).